

RECADO DE PARIS

PARIS, janeiro — No dia 21 de fevereiro, o doutor Destouches, mais conhecido pelo nome de escritor, Louis-Ferdinand Céline, vai ser julgado pela Corte de Justiça. O autor de "Voyage au bout de la nuit", considerado grande escritor, é acusado de colaboracionismo. Entre outras coisas que o comprometem, estão seus violentos artigos anti-semitas e sua fuga, com os nazistas, para a Alemanha, em 1944.

"Combat" publicou recentemente trechos do prefácio que Milton Hindus, professor de literatura da Universidade de Chicago, escreveu para a tradução inglesa do livro de Céline, "Mort à Crédit". Esse prefácio começa por transcrever elogios que Trotsky fez ao romancista. Lembra depois o êxito de "Mort à Crédit", elogiado por Leon Daudet e pelo "Pravda", vendido às centenas de milhares. Diz que o anti-semitismo de "Bagatelles pour un Massacre" era tão violento que André Gide, em uma crítica publicada pela "Nouvelle Revue Française" em 1933, achou que Céline tinha a intenção de satirizar o anti-semitismo.

Milton Hindus afirma que Céline "nunca se tornou um colaborador ativo dos nazistas nem aderiu a nenhuma das numerosas organizações anti-semitas que existiram sob a Terceira República e sob a ocupação alemã". Reconhece que "também não se opôs aos alemães, teve uma atitude fatalista".

Sobre o anti-semitismo de Céline, Hindus lembra a famosa "Modesta proposta para o extermínio das crianças pobres da Irlanda", de Swift, e "O melhor modo de acabar com os heréticos", de Defoe. Este último livro, a princípio bem recebido pelo alto clero, foi depois motivo para um processo movido contra Defoe por heresia. Também o anti-semitismo de Céline não deve ser levado a sério. "Os nazistas não o consideravam como um amigo. Desde o começo do governo de Hitler seus livros foram proibidos na Alemanha e ele classificado como "uma perigosa mentalidade anarquista".

Milton Hindus acrescenta: "Eu mesmo sou judeu, e acho este assunto tão penoso como qualquer um de meus leitores. Mesmo que Céline seja um verdadeiro anti-semita e não, como acredita Gide, o autor de uma sátira contra "a vulgaridade do anti-semitismo autêntico", não posso concordar em que se persigam livros inocentes como este, pelos pecados de seu autor. Do mesmo modo, se eu fosse mulher nem por isso poderia negar o gênio literário de Strindberg, embora ele acreditasse que todas as desgraças do mundo provêm de uma conspiração universal das mulheres contra os homens. Se devêssemos considerar todos os grandes escritores em função do anti-semitismo, então Juvenal, Chaucer, Shakespeare e Dostoiévsky deveriam desaparecer".

Hindus recorda que em 1934 Céline fez elogios a Zola, o defensor de Dreyfus, e classificou um ditador fascista de "subgorilla".

Esse artigo do professor norte-americano está dando margem a discussões, que certamente se tornarão mais ásperas em fevereiro, quando Céline vai ser julgado. No momento ele está preso na Dinamarca, e Pierre Hervé lembra que pesam acusações muito graves e concretas sobre o "doutor Destouches": estão provadas suas ligações com mais de um agente da Gestapo, principalmente com um tal Hans Grimm, preso perto de Leipzig.

O fato é que Céline viveu muito bem sob a ocupação alemã — e fugiu com os alemães, quando eles fugiram.

4.2.50

R. B.